

ADAPTAÇÃO

Este ano iniciei um trabalho numa creche municipal como auxiliar em educação, e tive a oportunidade de acompanhar o primeiro contato das crianças com uma escola.

Houve um período de adaptação que consistiu numa permanência mais curta da criança dentro da escola, um período para a criança realizar o reconhecimento do espaço, das pessoas com quem vai conviver, um tempo para prepará-las e amenizar a separação dos pais e, principalmente, para que a entrada na escola não se tornasse tão traumática para a criança.

Crianças da mesma sala foram divididas em duas turmas para facilitar a adaptação, uma turma começando uma semana antes que a outra. A idéia era oferecer maior atenção a cada criança e quando as demais crianças entrassem, as primeiras já estariam adaptadas. O que era para ser um mês de adaptação na realidade durou uma semana para cada turma. Na primeira semana as crianças começaram passando 3 horas dentro da escola, o tempo foi aumentando gradativamente durante a semana (3h, 4h, 7h, 9h) até preencher o período todo no fim da semana, ou seja, no quinto dia de creche elas já permaneceram o período integral, para algumas significou até dez horas seguidas dentro de um ambiente completamente novo e estranho, convivendo somente com pessoas desconhecidas, tendo se adaptado ou não, o resultado já dá pra imaginar: a maioria das crianças não se adaptou nesse curto espaço de tempo e, pior, as que já estavam adaptando-se foram contagiadas pela angústia das crianças recém chegadas.

Na primeira semana de aula, a escola se parece mais com um hospital, um alojamento de fugitivos de guerra...é só choro que se ouve, é choro com desespero, dor, choro incessante, estridente, choro sem voz, com soluço, de todo tipo que se puder imaginar. O choro se torna o som ambiente por dias, quem a princípio não chorava, percebe que caiu numa cilada e começa a fazer parte do coro também, fazer com que elas se tranquilizem no início parece uma tarefa impossível. E na verdade é, porque não tem como arrancar, apagar a falta que estão sentindo do pais, da casa, da vida que levavam. O que resta é ter paciência e esperar que a dor amenize.

No primeiro dia as crianças são recebidas com brinquedos diversificados desde bonecas, carrinhos, peças de montagens, tudo muito colorido. Algumas crianças entram curiosas, seus olhos ficam atentos em tudo de novo que há na sala á sua disposição, em pouco tempo já estão explorando os objetos disponíveis no novo ambiente, logo se esquecem dos pais que ainda estão ou que já saíram da sala. Outras já olham desconfiadas para aquele mundo de coisas e agarram as mãos de seus pais como se soubessem que aquilo tudo significa uma troca, é como se estivesse sendo dito: "os brinquedos em troca de seus pais", estas percebem logo o jogo e não desgrudam de seus pais por nada, o sofrimento dessas começa mais cedo, logo na entrada.

As crianças mais curiosas, desinibidas e seguras nos primeiros dias de escola, ficavam bastante entretidas com os brinquedos, sala de aula, banheiro, parque, refeitório, exploravam tudo com entusiasmo, sempre demonstrando iniciativa para experimentá-los. No entanto, no decorrer dos dias foram perdendo o interesse pela escola, pelos brinquedos e começaram a demonstrar uma carência muito grande dos pais e de suas casas, negando-se a participar das atividades, diminuindo a troca com as outras crianças e até mesmo recusando-se à comer.

"Para nascer precisamos destruir um mundo" - Hermmann Hesse

...Continuação da página 12

Pensar e praticar uma Pedagogia Libertária e um pensamento mágico é buscar um ponto de convergência para aqueles que desejam e lutam por novos costumes, por um novo olhar e um novo agir na educação: isto é o Tesinho. Nasceu dentro da Somaie (http://somaie.vila.bol.com.br) quando percebemos que grande parte das neuroses e autoritarismos nascem dos processos educacionais e nas famílias. Assim lutamos por uma rebeldia cotidiana para criar novas formas de existência.

Existem encontros periódicos: o prático com as crianças em lugares diversos, o introdutório para pessoas que desejam conhecer a proposta da Pedagogia Libertária e o grupo de estudos sobre "A Criança Mágica" para quem já participa. Participar de um não exclui os outros encontros.

Por Caio Zanuto: aprendiz de capoeira Angola, (des)Educador, ativista, leitor de poesia, Ociólogo e Pai de Pietro (7 anos) (caiozanuto@gmail.com)

Prazer & Anarkia

Um outro ponto, é que normalmente as crianças possuem em casa um adulto de quem recebem toda a atenção e cuidados e perceber que na escola além de ficarem separadas dessas pessoas, não será possível encontrar alguém com a mesma dedicação, não pelo menos da forma que estão acostumadas, lhes causa grande sofrimento.

Na sala, uma professora e uma auxiliar são responsáveis por mais ou menos 20 crianças entre dois e três anos de idade, o que torna humanamente impossível para os educadores suprirem a necessidade de carinho, afeto, colo em todo momento que elas necessitam. As crianças são privadas abruptamente de tudo isso, numa fase em que o carinho dos pais é essencial para um desenvolvimento emocional, físico e intelectual mais saudável.

Depois do choque da separação, têm que se deparar com o choque das regras, normas e horários: para comer, dormir, brincar, ir ao banheiro. Normas totalmente uniformizadoras e castradoras, segundo a natureza de intenção e espontaneidade da criança, que está latente nessa idade. A criança não tem a liberdade de explorar esse espaço e as coisas como sente necessidade, é castrada essa necessidade biológica de exploração da criança que a possibilita adquirir conhecimentos. Se vão realizar uma atividade de pintura devem permanecer sentadas e aprender a não invadir o espaço do colega, que estará sentado bem próximo, devem pintar somente no que for permitido, normalmente limita-se a um pedaço de papel, quando sua vontade é vivenciar essa experiência de diversas formas, pintando a mesa, os colegas e a si mesmo. Não é respeitada a subjetividade, de uma criança quando é obrigada a fazer uma coisa querendo outra, quando quer brincar no parque e tem que comer, quando tem que dormir e quer passear pela escola, quando tem que pintar quando quer ouvir história...

Agora já se passou o mês de adaptação, a maioria das crianças, já estão bem mais tranquilas, já não choram tanto, estão se habituando às novas rotinas. Realmente as crianças possuem uma capacidade enorme de adaptação, mas de que forma isso refletirá em suas vidas já podemos imaginar: aceitação de empregos opressores, governos autoritários, relacionamentos não prazerosos, enfim, a escola conseguiu cumprir seu papel: adaptá-las para a vida em nossa sociedade.

por Luciana Silva - Luciana Leite, aprendiz de capoeira angola, educadora, formada em ciências sociais.
(Luledasi@hotmail.com)



"Precisamos inventar outros costumes" - Etienne de La Boétie.



Cultura Libertária e Livros Anarquistas

Acesse nosso site: www.achiamé.net

Escolha os livros através de nosso catálogo na internet e mande o pedido com dinheiro, cheque nominal ou cópia do comprovante de depósito por correio, junto com este talão preenchido.

Em um outro papel, faça a lista dos materiais que você está pagando e quer receber. Se você quiser apenas receber o nosso catálogo postal preencha este campo abaixo e nos envie.

Nome:			
Endereço:			
Cidade:	Estado:	CEP:	

o envio deve ser direcionado à LIVRARIAPOSTAL, em envelope registrado.

Caixa Postal 50083 - CEP 20050-970 - Rio de Janeiro - RJ

Depósito para BRADESCO, ag. 0473, conta 0500.013-0, em nome de Robson Achiamé.

letralivre@gbl.com.br / vendas@achiamé.net

PREÇO

Março 2007 / nº 2

Página 13

TESA©